Universidade Cidade de São Paulo

Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Disciplina: Estudos psicopedagógicos sobre o pensamento logico- matemático

Professora: Anita Abed

Por Aline Cristina da Cruz, RCA: 23702671

DIÁRIO DE BORDO

Ao iniciar a Pós Graduação em Psicopedagogia Clinica e Institucional, jamais havia imaginado que nela também iria ter que trabalhar conceitos matemáticos. Assim quando me deparei com a disciplina de Estudos psicopedagógicos sobre o Pensamento Lógico-Matemático, tive logo de início um receio, pois a minha relação com a matemática sempre foi a mais básica possível.

Porém me surpreendi com a abordagem que tivemos. Percebi que iria ter a oportunidade de voltar atrás e ver tudo que vi, vivi e senti, para que hoje, como educadora e psicopedagoga, não tenha um olhar viciado sobre as dificuldades matemáticas e compreender tudo o que somente fui condicionada a fazer no decorrer dos meus 23 anos.

Assim, ao voltar no tempo, lembro-me bem que nunca fui fã das ciências exatas, sempre fui uma criança, e hoje sou uma mulher, muito mais sensitiva e talvez a falta de agilidade me fizesse construir uma barreira, que sei que ainda existe. Quando comecei a conhecer as operações matemáticas tinha muita dificuldade na agilidade ao desenvolver as contas, sempre demorava muito e era rotulada como “lenta”. E este “lenta” me perseguiu até o Ensino Médio.

O fato é que, apesar das aparências, pois tirava boas notas, eu não conseguia entender o porquê que todas aquelas regras resultavam em números nos quais eu nunca conseguia chegar. Mas como era e ainda sou bem perfeccionista, o que me ajudou, eu não admitia o não saber e desde os meus 6 anos recorria à minha família, aos meus pais e principalmente à minha tia, professora de matemática que me acompanhou até o vestibular. E era com eles que conseguia expressar minhas angústias e ter mais segurança em meus atos na sala de aula.

Além disto, a timidez contribuía muito, e talvez devido ao modo de ensino que tínhamos nos anos 90, eu não conseguia questionar ou fazer de modo diferente com que era me ensinado. E assim que surgiu a minha dificuldade na subtração, onde tínhamos que emprestar os números, problema que consegui superar alguns anos depois, quando me permiti

aprender o modo simplificado, já que o medo de não fazer como a professora ensina era maior.

O fato é que essa disciplina veio para tocar a ferida que existia em mim, e mudar minha visão sobre a matemática, que continua não tão querida, porém não é mais temida como antes. Percebi que não há problemas em contar nos dedos e nem decorar a tabuada e me deparei com diferentes formas de abordar temas polêmicos como frações, divisões, subtrações, números positivos e negativos, entre outros.

Durantes as aulas tive noção que livros de histórias entram nesse universo e que os principalmente os jogos, os quais me chamaram mais atenção, modificam a visão das crianças, pois elas possuem uma grande capacidade de raciocinar e colocar em prática sua capacidade de resolver situações-problemas, caracterizando objetos e buscando uma linha de resolução baseada em elucidações próprias.

A proposta de um jogo em sala de aula é importante para ir além da compressão teórica, visando o desenvolvimento social, pois existem alunos que se "fecham", têm vergonha de perguntar sobre determinados conteúdos, de expressar dúvidas, assim como eu me tive, o que faz a matemática se tornar um problema. Segundo Borin:

> Outro motivo para a introdução de jogos nas aulas de matemática é a possibilidade de diminuir bloqueios apresentados por muitos de nossos alunos que temem a Matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la. Dentro da situação de jogo, onde é impossível uma atitude passiva e a motivação é grande, notamos que, ao mesmo tempo em que estes alunos falam Matemática, apresentam também um melhor desempenho e atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem. (Borin, 1996, p.9)

Além disto, segundo Smole (2007), ao jogar os alunos têm a oportunidade de resolver problemas, investigar e descobrir a melhor jogada, refletir e analisar as regras, estabelecendo relações entre os elementos do jogo e os conceitos matemáticos.

Assim, durante esses encontros que tivemos, o que mais me motivou a gostar da matemática foram os jogos, já que a utilização de atividades lúdicas na Matemática e de materiais concretos é totalmente relacionada ao desenvolvimento cognitivo da criança.

Há quem diga que alguns conteúdos específicos da Matemática não possuem relação com a ideia de serem aplicados utilizando jogos, mas ao refletir, percebe-se que de certa forma os mesmos promovem um senso crítico, investigador, que ajuda na compreensão e entendimento da disciplina. Talvez se tivesse, quando criança, conhecido esse lado mágico da matemática hoje seria mais segura ao se falar em estatísticas, contas e outras coisas que a envolve.

REFERÊNCIAS:

BORIN,J. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática**.São Paulo: IME-USP,1996.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I..; CÂNDIDO, P. T. **Jogos de matemática de 1º a 5º ano**. In série Cadernos do Mathema Ensino Fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2007.